

## PROGRAMA EM VT: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF

## ENTREVISTA CLÉLIA CAPANEMA

## DATA

Tempo	Vídeo	Áudio
013209	Dados biográficos	<p>Sou a professora Clélia de Freitas Capanema. Gosto de colocar no meu currículo vitae que sou pioneira da educação em Brasília, pois que vim para aqui em 1960. Eu cheguei a Brasília depois de um concurso público realizado no Rio de Janeiro, eu fui ao Rio para prestar as provas. Um concurso realizado pelo Ministério da Educação e Cultura, na época, e que tinha o objetivo de selecionar professores para instalar a rede pública de ensino do Distrito Federal.</p> <p>Diga-se de passagem que nessa época ainda não havia escolas particulares, há não ser uma, se não me engano Salesiana, uma escola particular no Núcleo Bandeirante ainda incipiente. De forma que a instalação da escola pública no Distrito Federal foi muito importante para a consolidação, para a consecução, para a mudança da capital porque soube deste a época que o Presidente Juscelino Kubistek havia exigido do Ministro da Educação, Clóvis Salgado, a instalação de escolas primárias, aliás escolas de ensino médio, como garantia para que os parlamentares aceitassem mudar para Brasília, esta foi uma das exigências deles, eles viriam com as suas famílias se o Governo Federal instalasse aqui o sistema de ensino público. E foi com essa responsabilidade que os professores selecionados no Brasil inteiro pelo Ministério da Educação, se reuniram aqui para começar o ensino público no Distrito Federal. Eu me lembro que eu vim à Brasília a convite do Presidente da Comissão Administrativa do Sistema Educacional de Brasília – CASEB, era Dr. Armando Hidelbrant,</p>
010045	Memórias Preliminares	

para conhecer alguma coisa do que estava se planejando aqui, já que eu estava indo para o Rio para prestar concurso para professor no Distrito Federal.

Tive uma oportunidade impar de visitar a construção do hoje Elefante Branco que estava no primeiro piso pronto e lá estava o Dr. Armando, Dr. Julio Sabaqui que era Diretor Administrativo do Ministério da Educação, Coronel Aparício que era também membro da CASEB e outros membros da Comissão para avaliar o estágio em que estava a construção e com muito verba o Coronel Aparício olhou e disse: "Isso aqui é o Elefante Branco, isto aqui não vai ficar pronto para a construção da capital.

A inauguração seria no dia 21 de abril de 1960, estou falando em fevereiro de 1960 e ficou então essa alcunha, ficou esse apelido Elefante Branco, porque era uma construção muito grande, uma construção que havia mil lâmpadas para serem trocadas pelo Diretor quando elas se queimavam, era um prédio grande, ambicioso e o ensino médio não pode ser instalado ali, teve que ser..., o que aconteceu, a Comissão teve que tomar uma atitude de emergência de construir ali, onde hoje é o Ginásio da CASEB, hoje colégio CASEB, instituto, centro, não sei que nome tem agora; para instalar ali não só o primeiro ciclo, que era o ginásio, como também o segundo ciclo que era o colégio. E foi isso que aconteceu, com a aula inaugural no dia 10 de maio de 1960, aula essa dada pelo Presidente Juscelino. Foi um clima assim, de pioneirismo e de bandeirantismo porque nós professores que chegamos do Brasil todo aprovado no concurso, 60 para o ensino médio e 200 para o ensino primário, já estavam trabalhando lá, se reunindo na Escola Parque e nós nos instalamos então no edifício da CASEB para começar as

		<p>aulas, na véspera passamos a noite desencaixotando carteiras, plantando rapidamente algumas flores para fazer um jardim meio apressado para que de manhã o Presidente chegasse e encontrasse a escola mais ou menos preparada para a aula inaugural.</p> <p>O que aconteceu que naquele dia os operários não foram trabalhar porque correu um boato de que o mundo ia acabar e eles não foram trabalhar e nós tivemos que fazer o trabalho deles, desencaixotando as carteiras, preparando a sala de aula para a aula inaugural.</p> <p>É só alguns aspectos pitorescos, são históricos a exigência do Presidente da República para atender os parlamentares que só viriam para Brasília se tivesse o sistema de ensino oficial e foi como o Ministro Clóvis Salgado criou essa Comissão e instalou então, nós instalamos aqui o sistema educacional do Distrito Federal, a rede pública do ensino do Distrito Federal.</p> <p>A inspiração filosófica, doutrinária e pedagógica do sistema de ensino se deve ao professor Anísio Teixeira, foi inaugurada por ele a organização do sistema a partir de um plano de construção da escola. Ele não fez um plano para as Cidades Satélites. O plano para construção de escolas no Distrito Federal se circunscreve à Brasília. O plano consistia em uma escola classe em cada superquadra e um Jardim de Infância e uma Escola Parque em cada quatro superquadras, dentro de uma filosofia de uma Escola Parque que abrigasse a partir de artes, de esportes, complementação curricular, na Escola Parque e na Escola Classe se desenvolvia o currículo acadêmico tradicional que são os conhecimentos básicos de todo currículo da escola.</p> <p>Evidentemente que este processo foi</p>
--	--	---

meio abortado, nem todas as superquadras tiveram logo as suas escolas e nem cada grupo de quatro superquadras tiveram logo as suas escolas e nem cada grupo de quatro superquadra ficou tendo a sua Escola Parque, mas elas serviram de inspiração quando onde não foi possível mais fazes as Escolas Parques porque o orçamento...., são escolas caras de manutenção custosa, então se partiu para um currículo variado inspirado na Escola Parque que concentrava professores especializados em artes industriais, artes comerciais, economia doméstica, artes plásticas, música e esportes etc etc, isto era a complementação curricular.

Nesta doutrina que nos foi passada, do professor Anísio Teixeira, principalmente pelo professor Paulo de Almeida Campos que era um dos seus assessores no Rio, nós tínhamos como principal foco uma inovação, a escola se propunha ser inovadora e realmente ela foi durante muito tempo. Em primeiro lugar, era uma escola de tempo integral, os alunos e os professores ficavam oito horas na escola.

Nós nos instalamos aqui no princípio, muito precariamente nas superquadras das 400, naqueles prédio sem elevadores que vieram a se chamar JK e que não tinha nenhuma homenagem ao Presidente Juscelino, era apenas, que fizeram graciosamente ditos janela/kitnet, por isso JK.

Era um apartamento de um quarto, com uma saleta, uma cozinha e um banheiro e nós assim nos instalamos provisoriamente, com uma certa decepção porque de princípio tinha sido prometido que nós teríamos apartamentos nas superquadras de Brasília, mas isso não foi possível e por causa disto que mais tarde, em setembro nós organizamos uma greve,

01320	Inspiração teórico-metodológica	<p>tivemos a primeira greve dos professores no Distrito Federal em setembro de 1960, na luta pela habitação. A gente precisava de uma residência que nos rendeu frutos porque nós recebemos as casas da 712, das quadras 713, 708, 709 e foi assim que a gente começou a se instalar de forma mais confortável, a partir de um movimento que teve os seus desdobramentos desagradáveis, como costuma acontecer, esse movimento grevista gerou algumas demissões de colegas, isso foi muito penoso para todos nós, na época, mas foi assim que nós instalamos dentro deste espírito de inovação, um currículo bem variado porque dava oportunidade, eu vou me deter somente no ensino médio porque foi para onde fiz o meu concurso, inicialmente para professor da Escola Normal, dentro das normas, do regulamento, do arcabouço legal da educação brasileira nessa época, nós tínhamos o ensino primário e o ensino médio.</p> <p>O ensino médio desdobrado em ramos: normal, industrial, comercial e agrícola. E dividido em dois ciclos: o primeiro ciclo chamado ginásio e o segundo ciclo, colégio que se bifurcava em clássico e científico. Tudo funcionava no prédio da CASEB em 1960, porque como dissemos, o prédio do Elefante Branco não ficaria pronto, como de fato não ficou e só foi inaugurado em maio do ano seguinte. Ele levou mais de um ano para ficar completamente pronto. Para lá então se transferiu o segundo ciclo, antes porém de se transferir para o prédio do Elefante Branco, ele esteve num prediozinho, mais baixo, lá perto, numa época de muito frio e muito vento aqui em Brasília e os professores e alunos apelidaram essa escola de Sibéria. Então primeiro forma para Sibéria, depois foram para o Elefante Branco. E lá no Elefante Branco, mais tarde o curso Normal, também saiu</p>
-------	---------------------------------	--

010936	Memória dos professores	<p>porque ganhou um prédio próprio que é a Escola Normal de Brasília.</p> <p>A filosofia do currículo, a filosofia curricular que nos foi passada pelo professor Paulo de Almeida Campos e também pessoalmente pelo professor Anísio Teixeira, com quem tivemos algumas reuniões antes da inauguração e um pouco depois, era a de uma escola inovadora, uma escola centrada no aluno, uma escola em que se respeitaria a liberdade do aluno. Isso causou muito impacto na época, nós recebíamos visita de todo o país, Brasília era muito visitada e era muito interessante mostrar como era nossa organização curricular, como era que nós conduzíamos os trabalhos, bem afastados daquele sentido tradicional da escola autoritária. Os alunos gostavam de muita liberdade, se eles vierem dá o depoimento aqui, eles podem confirmar que eles, realmente gostavam da escola porque eles sentiam que era uma escola feita e pensada neles. Eles gostavam tanto da escola porque nos trouxemos também a responsabilidade de ajudar a adaptar o jovem à Brasília. Era uma vida completamente diferente, quase todo mundo que veio para aqui rompeu laços de família. As crianças e adolescentes não escolheram vir para Brasília, eles foram trazidos pelos pais, que vieram para Brasília porque eram funcionários públicos ou tinha seus interesses particulares na vida da capital que se iniciava aqui, então nós tínhamos a consciência de que a escola tinha que ser um lugar alegre, tinha que ser acolhedora, tinha que ser, fazer deles alunos felizes e isso nós conseguimos.</p>
013208	Processo abortado	<p>O currículo acadêmico era complementado em horários alternados, turno da manhã e turno da tarde. Como disse, os alunos</p>

	<p>Lembranças dos professores</p>	<p>permaneciam 8 horas, com intervalo de almoço onde iam para casa almoçar, tinha os ônibus da CASEB que levavam professores e alunos para o almoço e voltavam à tarde para atividades alternadas de esporte, de culinária, clubes. Uma atividade que agradava muito os alunos. Eles criavam junto com os professores uma variedade enorme de clubes, tinha clubes de fotografia, clube de dança, clube de teatro, clube de canto e coral, era realmente uma movimentação grande e muito variada. A gente conseguiu fazer um currículo muito dinâmico e a escola era tão atraente para esses alunos e Brasília não tinha clube, essa época, não tinha atrativos, eles iam para o colégio aos sábados e aos domingos para a CASEB.</p>
<p>011153</p>	<p>Residências e resistência dos professores</p>	<p>E o grande suporte que a gestão teve nessa acomodação, nessa atração aos alunos, foi a equipe de Educação Física. Os professores de Educação Física desenvolviam torneios, excursões, recebiam os alunos até nos seus apartamentos, nos fins de semana. Havia jogos sábados o dia inteiro e domingo o dia todo e os alunos encontraram na escola aquilo que eles tinham deixado em suas cidades de origem, principalmente no Rio de Janeiro, a praia, os clubes. Havia já um clube, talvez houvesse aqui, não me lembro bem, mas o colégio além de ser o lugar aonde eles iam em busca de sua educação formal era também um local de lazer e nós conseguimos fazer do colégio um lugar muito alegre, muito acolhedor.</p> <p>Quando diretora da CASEB eu fiz reuniões de pais com 300 pais à noite no colégio. Havia uma integração muito grande com a comunidade, da escola com a comunidade. Foi uma escola que se integrou com a comunidade e que exerceu um papel político muito importante ao receber esses alunos e ao dá a eles aquela sensação de bem-estar, e ser a sua casa</p>
<p>010853</p>		



em Brasília, que para eles era uma vida diferente, tudo muito estranho, tudo muito incipiente, muito marcado pelo desconforto porque realmente a cidade estava muito incipiente ainda, no início da construção nem tudo estava pronto. Hoje eu me encanto quando vejo a cidade completamente pronta, tudo tão acabado, tão modernizado e às vezes fico um pouco ressentida quando criticam a cidade porque teriam que ter vivido em 1960, 1961, 1959 como alguns professores da NOVACAP vieram, antes da inauguração, para sentir o quanto se desenvolveu essa cidade, o quanto a cidade hoje tem para oferecer aos seus habitantes. Sem falar de um crescimento inesperado com a proliferação de Cidades Satélites que não estavam nesta época previstas, tanto que os Jardins de Infância, a Escola Parque, eles não estavam previstos para as Cidades Satélites que ainda sofrem hoje a carência desses serviços, por um vício de origem.

Um aspecto muito marcante da vida nova em Brasília como professores e também os alunos foi que aqui o Brasil se encontrou. Nosso grupo de 60 professores que foram selecionados numa prova pelo Brasil todo. O Ministério realizou essas provas em todo país, eu me lembro que eu fui ao Rio de Janeiro fazer prova. Nós tínhamos professores de todos os Estados, era muito interessante porque nós tínhamos todos os sotaques, todos os cacoetes, eu achei, pensei mesmo que Brasília se transformou num laboratório de Antropologia Cultural, coisa extraordinária! O encontro do Brasil. Eu como diretora da CASEB, nós recebíamos, como já disse, muitas visitas porque havia muita curiosidade com relação a esse sistema, a essa filosofia da educação que nós



implantamos naquela época e era uma escola diferente, integral, com os alunos na escola o dia todo, com bastante liberdade, liberdade de escolha inclusive. Era muito interessante levar em sala de aula as visitas e eu gostava muito de fazer isso e perguntar ao professor: “de onde você é?”

- Sou de Belém?PA

E aos alunos: - E você?

- Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio.

Realmente havia um forte contingente do Rio por razões óbvias, a cidade estava se transferindo, a capital estava se transferindo do Rio para aqui, mas havia outra coisa muito curiosa da CASEB é que já me perguntaram uma vez se era uma escola elitista porque era uma escola que abrigou os filhos dos parlamentares, dos militares, do corpo diplomático e nós recebemos esses alunos de todos esses segmentos que era o segmento substantivo da vida da capital: corpo diplomático, militares, altos funcionários públicos, mas ao lado deles, também estavam os filhos dos candangos, candangos que haviam trabalhado na construção, filhos de comerciantes, dos bancários. Então, foi uma escola pública da melhor qualidade e com um cunho democrático que a gente hoje não vê tanto mais, lamentavelmente, porque hoje a gente vê a classe média, média alta mas na escola particular e a escola pública está atendendo mais a classe trabalhadora, a classe de renda mais baixa, isso não pode ser generalizado, mas naquela época, a classe média alta estava ao lado das classes trabalhadoras, da classe menos abonada.

Isso realmente eu considerei um ponto alto na educação de nossos jovens e acredito que eles tenham levado uma mensagem dessa convivência com alunos de outros segmentos socioeconômicos, isso pareceu muito bom. Os professores

011245	Filosofia do currículo	<p>trouxeram, por tudo isso, experiências muito variadas, claro que todos tinham uma base acadêmica comum, porque todos professores que vieram para aqui eram professores de nível superior, todos tinham formação de nível superior em faculdades de Filosofia, alguns até já com um pouco de pós-graduação, mas ao lado disso, havia também muito de regionalismo que cada um trazia em seu linguajar. Eu tenho por exemplo, histórias muito interessantes como diretora da CASEB de problemas assim criados. Muito são com relação a diferenças regionais, eu tinha um professor de matemática excelente, acolhedor, que cuidava dos alunos, amigo, os alunos gostavam de ir para a casa dele, ele fazia reforço de aprendizagem. Os alunos gostavam muito dele. Um dia após o almoço, estava em meu gabinete e fui recebida por um deputado, um deputado do Estado do Nordeste que estava altamente irritado com o professor fulano que havia chamado o filho dele de safado. Eu comecei a conversar com ele e ele me disse: “eu não admito isso, porque isso na minha terra é uma ofensa muito grande”. Eu comecei a argumentar com ele que havia diferenças regionais e que eu estava muito admirada porque esse professor era amado pelos alunos, um dos poucos que tinham caro, naquela época e com quem eu contava para levar os meninos ao pronto socorro porque eu era freguesa do pronto-socorro com as fraturas, nós não tínhamos boas quadras de esporte ainda, onde eles jogavam, onde eles faziam a sua educação física, seus jogos, havia ainda tocos de árvores, estava tudo muito incipiente, muito difícil e eles caíam muito, se machucavam e esse professor era o primeiro que colocava o seu carro à disposição, porque nós não tínhamos esse recurso para levar ao pronto-socorro, para fazer o gesso e as coisas</p>
--------	------------------------	---

011448	O currículo	<p>que os meninos precisavam. Comecei a conversar com ele e falei: “eu gostaria muito que o senhor conhecesse esse professor para saber que isso que ele falou, deve ter sido um tom de brincadeira”. Disse que ele tinha batido na cabeça do menino e dito: “deixe de ser safado”, qualquer coisa assim. Isso criou um conflito enorme entre o pai e a escola.</p> <p>Finalmente, eu consegui que ele aceitasse falar com o professor, mandei chamá-lo, o professor veio. Eu deixei os dois à sós e me retirei. Mais tarde, eu voltei para ver no que tinha dado a conversa. Eles estavam como amigos de infância, já com convite para almoçar na casa do pai do aluno, no próximo fim de semana.</p> <p>São coisas assim muito interessante porque são dificuldades às vezes de caráter regional, de linguagem, de hábitos. Então é um campo extraordinário de estudo de Antropologia Cultural, foi muito bom, eu me lembro que a gente tinha professores gaúchos, professores nordestinos, professores mineiros e é interessante ver como isso fazia uma diferença enorme na sala de aula, na experiência que cada um trazia, nos traços culturais que marcariam cada um deles. São experiências muito interessante, sem falar na diferença de formação acadêmica. Havia os que tinham se formado no Norte, no Nordeste, no Sul, no Sudeste e foi um elemento inclusivo, uma certa homogeneização, que os professores trocavam experiência e dentro de algum tempo estavam falando uma mesma linguagem. Teriam absorvido aquela teoria, aquela doutrina de uma educação inovadora que nós tínhamos intenção de implantar no DF. Eu tenho a consciência de que isso foi feito. Foi feito até 1963, 62 mais ou menos. Quando o presidente Jânio Quadros renunciou em 1961, em agosto, ele só ficou 7 meses, houve uma</p>
--------	-------------	--

011917	A igualdade e a diferença	<p>dificuldade muito grande nesse período porque assumiu o presidente João Goulart e eu me lembro que ele tinha uma diferença, uma incompatibilidade com o prefeito da época e ele ficou muito tempo sem vir à Brasília, não se dava muito bem com o prefeito, pelo menos, era a informação que a gente tinha, a gente não sabe até que ponto isso realmente coincide com a verdade, mas eram as informações que nós tínhamos.</p> <p>E faltou muito recurso para o desenvolvimento da educação no DF, não houve nenhuma construção mais e com isso aquele sonho de uma escola integral onde alunos e professores permaneciam 8 horas teve que ser abandonado e passamos a esse esquema tradicional de turmas. Eu acho que a partir daí, no meu entendimento, a qualidade deteriorou e o sonho ficou meio esquecido. Eu lamento muito que a gente não tenha tido aquele incremento, aquela sustentação das idéias com que nós iniciamos o sistema de ensino do DF.</p> <p>Nós ficamos reféns das dificuldades de ordem administrativas e financeiras que trouxeram muitos problemas para a rede pública de ensino. Sem falar que a cidade nesta época crescia a 9% ao ano, então a rede crescendo, a demanda crescendo assim extraordinariamente e os recursos estavam, seriam os mesmo e absolutamente insuficientes para se perseguir naquele plano ambicioso, que a nossa ambição, quando instalamos o sistema de ensino aqui, foi ambição de excelência, nós tínhamos ambição, eu não gosto do termo modelo, não tínhamos ambição de fazer um sistema modelo, mas tínhamos ambição de um sistema de ensino de excelência e acho que isso nós construímos durante o tempo que foi possível.</p> <p>Uma poucas vezes, o professor Anísio esteve conosco em reuniões aqui na</p>
--------	---------------------------	---

		<p>Escola Parque onde ele falou dessa doutrina, dessa teoria como ele imaginava como devia ser o sistema de ensino do DF e nós tentamos, eu acho que a gente conseguiu durante algum tempo operacionalizar, de certa forma, aquele ideal que ele teve porque esse ideal de uma escola de excelência nos foi transmitida por ele. Ele nos dizia da responsabilidade que nós tínhamos de estar instalando o sistema de ensino na Capital da República, do qual muito se esperava, até porque instalar essa escola, esse sistema foi exigência dos parlamentares para aceitarem se mudar para Brasília, por isso, o Presidente Kubistek pediu ao Ministro Clóvis Salgado que cuidasse da instalação de escolas públicas de qualidade para que ele pudesse convencer os parlamentares a vir para Brasília. Então, nosso encontro com o professor Anísio não foram repetidos, mas claro, quem conheceu o professor Anísio sabe que foram encontros assim, muito intenso, ele era muito convincente, ele passou e a gente absorveu com muita facilidade aquelas idéias que ele trouxe para o DF.</p>
--	--	--